

Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Silva Nery, Olivia; Huzsar Schneid, Frantieska; Mazzucchi Ferreira, Maria Letícia; Ferreira Michelon, Francisca

Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção

Ciências Sociais Unisinos, vol. 51, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 42-51

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

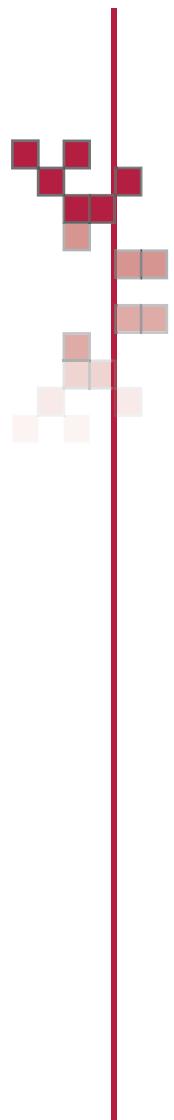
Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93838249006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção

Boxes of memories: The relationship between objects, photos, memory and identity illustrated on fiction scenes

Olivia Silva Nery^{1,2}
olivianery@gmail.com

Frantieska Huzsar Schneid¹
frantieskahs@gmail.com

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira¹
leticiamazzucchi@gmail.com

Francisca Ferreira Michelon¹
f.michelon@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise sobre a relação entre objetos, fotografias e memória a partir de uma interpretação de cenas da ficção. É natural que, ao longo da vida, os indivíduos guardem coisas simbólicas de períodos e momentos vividos, lembranças de viagens, pessoas, etc. Os casos analisados aqui pertencem a duas produções distintas, um filme e um seriado televisivo, mas ambos possuem vários aspectos em comum, sendo que o centro articulador deste texto é a existência de "caixas de memória" dos personagens e a relação deles com elas. Estas caixas são representativas da identidade da personagem, elas possuem pequenos objetos, fotografias e alguns documentos que exercem o trabalho de evocação memorial. A primeira análise é do filme "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" (2001), onde a vida da personagem muda depois de encontrar uma caixa escondida em sua casa. A segunda análise é do episódio "Male in the Mail" do seriado americano "Bones" (2012), onde, depois da morte de seu pai, o personagem Booth recebe uma caixa que pertencia a ele, com recordações. Nesse sentido, é possível perceber que, mesmo sendo na ficção, estas caixas de memórias demonstram a forte relação entre objetos, fotografia, memória e identidade.

Palavras-chave: objetos, fotografias, memória, caixas de memórias.

Abstract

This study aims to analyze the relationship between objects, photographs and memory from an interpretation of scenes from fiction. It is common that, over a lifetime, people keep things, representing certain periods and moments of their lives, souvenirs from travels, other people, etc. The cases analyzed are two separate productions, a film and a television series but both have several aspects in common, and the main point is the existence of the characters' "memory boxes" and their relationship with them. These boxes represent the character's identity. They have small objects, photographs and documents

¹ Universidade Federal de Pelotas. Rua Lobo da Costa, 1877, 96010-150, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Bolsista CAPES.

that induce memory evocation. First, we analyze the movie Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain (2001), in which the character's life changes after she finds a box hidden in her home. Then analyze the episode "Male in the Mail" from the American TV series Bones (2012). In this episode, the main character Booth receives a box that belonged to his father, who has recently passed away. Therefore, Based on this examples we can say that, even in fiction, these memory boxes demonstrate the strong relationship between objects, photographs, memories and identity.

Keywords: objects, photographs, memory, boxes of memories.

Introdução

As pessoas, em geral, estão constantemente cercadas por objetos e fotografias. Na infância, são os brinquedos que, com o passar dos anos, vão sendo guardados como representação de uma época, como parte da história de cada indivíduo. Além dos brinquedos, também existem os primeiros sapatinhos, que, algumas vezes, são guardados e depois metalizados pelos pais como lembrança e viram objetos memoriais e decorativos da casa, hábito cultural presente nas famílias da região sul do Brasil. Os anos passam, e a tipologia dos objetos vai se alterando; alguns são descartados, outros permanecem, porém estão sempre sendo utilizados na vida cotidiana, mesmo que às vezes sem perceber.

No entanto, nem todos os objetos possuem o mesmo caráter funcional, memorial e identitário; alguns deles são utilizados de acordo com suas funções originais e, depois que perdem o seu valor de uso, são descartados. Porém, outros possuem grande valor sentimental e memorial, podem contar muito sobre os indivíduos, suas características, grupos social e econômico e podem servir como fonte de análise para compreender a maneira como eles veem o mundo. Se estes objetos são carregados de memórias e lembranças, também são de identidade, pois a "memória e a identidade estão indissoluvelmente ligadas" (Candau, 2011, p. 10).

Da mesma maneira que há uma grande circulação de objetos na vida dos indivíduos, há igualmente de fotografias, principalmente levando em consideração o fácil acesso às máquinas fotográficas atuais. As fotos são tiradas constantemente; pode-se dizer, inclusive, que de todos os momentos importantes e representativos da vida de alguém há uma fotografia para registrar e lembrar o momento. Ressalta-se que estamos falando das sociedades ocidentais contemporâneas e não pretendemos generalizá-las como um todo.

Nesse sentido, trazemos para este artigo uma discussão teórica sobre a presença dos objetos e fotografias na vida dos indivíduos, além do caráter memorial e identitário que eles possuem, especificamente quando estes dois suportes estão guardados no que chamamos de "caixas de memória". Para isso, faremos uma análise e uma exemplificação dessas relações através da interpretação de cenas e histórias da ficção. Sendo assim, o suporte teórico das análises está pautado, principalmente, em trabalhos de antropólogos, historiadores, filósofos e arqueólogos que estu-

dam a relação entre objeto e fotografia, memória e identidade. O primeiro exemplo ficcional que usaremos será o do filme "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain", de Jean-Pierre Jeunet. O longa-metragem mostra a mudança da vida de Amélie após descobrir uma caixinha misteriosa escondida atrás de um azulejo em sua casa. O segundo exemplo é de um episódio da série americana "Bones", dirigida por Hart Hanson; o personagem Booth, agente especial do FBI e um dos personagens principais da série, revive as mágoas que tem para com seu pai depois de descobrir que ele faleceu e lhe deixou uma pequena caixa de madeira.

Apesar de os exemplos trazidos neste artigo pertencerem ao campo ficcional, eles possuem uma similaridade com a realidade, pois não é raro encontrar pessoas que possuem caixas com objetos e fotografias de forte significado memorial e identitário, guardados em seus quartos, por exemplo. No mesmo sentido, pode-se observar que é comum o repasse de objetos pertencentes à família em forma de herança entre gerações e o destaque da figura feminina no ato de guardar. Como mostra Perrot:

No século XIX, a coleção, mais ainda a bibliofilia, são atividades masculinas. As mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, "mil nadas" povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina. [...] A memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial. [...] Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. [...] é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo [...]. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem (Perrot, 1989, p. 13-15).

Sendo assim, tanto as fotografias como os objetos, apesar de serem suportes diferentes, atuam como evocadores de memória. Ao colocar estes dois elementos em um mesmo lugar, guardando-os juntos por motivos simbólicos, muitas vezes, acabamos criando "caixas de memória". São lugares como gavetas, caixas, álbuns e diários, que possuem objetos, fotografias e uma variedade de coisas como cartas, bilhetes, diários, entre outros.

São peças que possuem uma representatividade para a pessoa que as guarda, não sendo, necessariamente, suas, mas às vezes coisas que, apesar de pertencerem a outras pessoas, são importantes para quem as mantém.

Estas "caixas de memória" são muito comuns, mesmo que, na maioria das vezes, as pessoas não as reconheçam com esta nomenclatura e função. Como serão analisadas a seguir, as "caixas de memórias" que encontramos em algumas cenas da ficção mostram como é possível guardar, em um "espaço pequeno", um "grande número" de memórias.

Objetos e memória

Ao longo da vida, os indivíduos apegam-se a objetos que acabam sendo uma conexão entre membros de uma mesma rede familiar, repassados numa espécie de sucessão entre gerações da família. Estes objetos, relacionados à memória e que acompanham a trajetória de quem os possui, são chamados de biográficos.

São, igualmente, os objetos que apresentam as características e particularidades de cada cultura. Meneses (1998, p. 90) afirma que "a exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória". O hábito de colecionar objetos é uma prática das pessoas que enxergam valor atribuído nas peças e não apenas monetário. Não é um apego material, mas simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviram, e ainda servem, de lugares de memória dentro das famílias às quais pertencem, fazendo parte da identidade de seus membros que têm a prática de salvaguardar tais peças.

Podemos perceber que quem guarda objetos ou fotografias, não sabe que necessariamente se trata de suportes de memória. A maioria das pessoas, ao reunir objetos em caixas, faz isso sem saber ao certo o porquê, mas mesmo que inconscientemente o faz "para ver sua identidade reconhecida" (Artières in Tanno, 2007, p. 5). Esta é uma forma de se preservar para um futuro ou para alguém que ainda nem está presente. Kellerhals et al. (2002) abordam a transmissão familiar e seus mecanismos. Para eles,

[...] os mecanismos de transmissão familiar que participam na construção das identidades podem ser definidos enquanto processos que articulam três componentes principais: [...] os referenciais, que permitem aos indivíduos orientarem-se e posicionarem-se no espaço social; [...] os transmissores – ou práticas coletivas –, através dos quais a família mobiliza os referenciais; [...] os atores, cujos modos de estruturação e de organização influenciam de maneira importante as configurações familiares, assim revelando os mecanismos de transmissão (Kellerhals et al., 2002, p. 546-547).

Podemos afirmar que os objetos não só são detentores de memórias e servem como um dispositivo para as mesmas, mas também são representativos da identidade dos sujeitos e de suas vidas, seja para si, para os outros ou para as gerações da família.

Assim, é possível dizer que os objetos também são comunicadores de memórias, esquecimentos, identidades e lugares dos indivíduos no mundo; sobre isso, Gonçalves (2007) diz que

Os objetos materiais são pensados como um sistema de comunicação, meios simbólicos através dos quais os indivíduos, grupos e categorias sociais emitem (e recebem) informações sobre seu status e sua posição na sociedade (Gonçalves, 2007, p. 20).

Os objetos que temos dizem muito sobre quem somos, como e quem queremos ser e, além disso, como queremos que os outros nos vejam; essa é uma das relações entre objetos, memórias e identidade. Sobre esta ligação entre objetos, memória e identidade, Radley afirma que (1994, p. 47), "em um nível mundano, todos os dias no mundo muitos objetos estão inextricavelmente amarrados de memória". O autor também reflete sobre os estudos realizados que mostram que muitos objetos fazem uma conexão entre passado e presente e servem para estabilizar as identidades pessoais e coletivas.

Trata-se, então, de objetos que estão ao redor dos indivíduos e auxiliam a construir a sua identidade, além de fazerem um elo com o mundo e, também, entre passado, presente e futuro. Os objetos não estão apenas carregados de memória, de personalidade e de histórias, mas podem estar carregados de significados, simbologias que representam a visão de mundo que o indivíduo tem e qual a relação que ele tem com este mundo. Para Silveira e Lima Filho (2005, p. 40), "o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida". Nesse sentido, todos os objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente peças, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memória. O autor Marcus Dohman também analisa o poder e o significado que os objetos possuem nos indivíduos; para o autor,

O fluxo dos sentidos e imagens que os objetos veiculam através dos canais de comunicação é capaz de despertar aspectos singulares nas reminiscências dos indivíduos, pelas recordações de vivências passadas que alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (Dohmann, 2013, p. 33).

Através da citação, percebe-se que os objetos fazem uma conexão com pessoas, lugares, fotografias e outras coisas. O pensamento de Dohman corrobora a visão de Octave Debary, em que, para o autor, os objetos funcionam "como 'pontes' de uma memória coletiva ou individual" (Debary, 2010, p. 7). Fazendo a

conexão e trabalhando como ponte, Dohman trata sobre a relação que os objetos têm com a fotografia, suporte que também trabalha como evocador de memória, de maneiras diferentes dos objetos, mas que, juntos, possuem uma grande força memorial e identitária. São estes suporte e fonte que analisaremos a seguir.

Fotografia: um suporte de memória

As impressões que ficam marcadas na memória são aquelas que foram produzidas pelos sentidos. Como a visão é o sentido mais sensível e o que mais registra, recorremos à imagem para conservar a lembrança. Entendemos que o homem se utiliza da memória para conservar informações e manter a espécie, pois, como afirma Le Goff (2003, p. 13), "o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e o alimenta". Para Le Goff, a fotografia é manifestação da memória sendo que ela "revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a" (2003, p. 13).

A fotografia tem o poder de conservar a memória do tempo, assim como se observa nos álbuns de família. Esses álbuns são importantes meios de construção de identidade e recordação dos acontecimentos, assim como elo entre antecessores e o presente. Podemos afirmar que é um objeto que possui valor simbólico quase que "sagrado", pois é carregado de sentimentos que revelam a identidade das famílias; sendo assim, a memória é o que garante a identidade e a coesão de determinado grupo.

Barthes (2012, p. 10) afirma que é necessário "decompor, ampliar as imagens para melhor comprehendê-las, fazer delas o único campo de observação intensa, entrar na profundidade do papel para então conhecer sua verdade". Ao folhear um álbum de família, o que se vê nas imagens antigas é o que Barthes definiu como evidência que não se decompõe, o ar que emana dos retratos, "essa coisa exorbitante que induz do corpo à alma".

O álbum de família é um local de trabalho, de construção onde as imagens podem ser retrabalhadas, manipuladas, sobrepostas, são capazes de contar outra história, uma ficção. Imagens e objetos antigos compõem a história de cada família. Os retratos sobre os armários, a fotografia de casamento, das festas e das pessoas que já se ausentaram, têm o poder de trazê-los presentes ao nosso cotidiano. O que torna a fotografia um objeto único e mágico é a possibilidade de ser tocada, enquadrada, colecionada, justamente quando mostra ausência/presença. Para Figueiredo (2007, p. 126), "a fotografia pode ser entendida como um prolongamento tecnológico da memória, na qual seria depositária das inscrições dos traços mnemésicos".

A escolha de utilizar as fotografias neste estudo deu-se por acreditar que é uma categoria de imagem rica em signos e que, além de se apresentar como memória familiar, permite a leitura de uma cultura material da época. Pretende-se verificar como o registro da imagem possibilita que os indivíduos acumulem durante anos fragmentos capazes de se constituírem como um lugar de memória.

Através das visões teóricas apresentadas, tanto sobre os objetos quanto sobre fotografias, nota-se como estes dois diferentes tipos de suporte trabalham como evocadores de memórias e representativos de identidade. É por isso que, mesmo sem saber, muitas pessoas guardam fotos e objetos em lugares especiais; são microuniversos que contam não apenas sobre sua história, mas sobre as memórias, esquecimentos e as personalidades dos indivíduos. É nesse contexto que surgem as "caixas de memórias", espaços onde são guardadas diferentes coisas, com significados diversos, mas com um grande valor sentimental.

O álbum de família como caixa de memória

O álbum de família é um local no qual o sujeito – a família – armazena imagens adquiridas ao longo da vida, tornando possível mostrá-lo visualmente aos seus descendentes e amigos. Leite (1993, p. 78) afirma que "a imagem tem como legitimação a memória para a família, como instituição e para cada um de seus membros".

No álbum, uma foto sempre se relaciona com a outra (anterior e posterior), e juntas contam a história familiar, nos atrevemos a relacioná-lo com um livro rico em imagens, pois, ao mesmo tempo em que a história é narrada, consegue-se observar as imagens e relacioná-las com o que está sendo ouvido. Não se pode negar que a fotografia reativa a memória de quem está observando, principalmente quando se trata de uma foto de família. O retrato, visto isoladamente, não passa de uma imagem que até pode se referir aos fotografados em relação às roupas, cenário e poses, porém não diz muito além disso. Já as fotografias com contexto, características das fotos inseridas nos álbuns, são uma imagem-memória que converte seu observador em familiar; afinal, é a ele que se dirige. Neste sentido, o álbum vai criando sinais enquanto é contemplado, pois cada foto é parte de uma totalidade.

O álbum é um tesouro, uma relíquia onde são depositadas as histórias de família, como se fosse um baú pronto para ser aberto em qualquer momento e narrar, com fotos, uma memória salvaguardada, colada e organizada em cada página. Ao "visitar" o álbum de família, buscam-se traços perdidos na memória paterna e materna.

O álbum é relato, porém também é arquivo. O álbum de fotografia é conceituado como o mais importante suporte de arquivo visual e doméstico visto no século XX. Muitas fotos são inseridas nele sem interesse narrativo, apenas porque sobrava ali um espaço onde poderiam ser depositadas fotografias. Os arquivos são sempre feitos para serem guardados e hierarquizados, e o responsável pelas tarefas é quem os organiza. O álbum de família é claramente entendido como arquivo. Assim se afirma, pois guarda imagens (não apenas fotografias) e as classifica de uma forma peculiar e exclusiva.

A fotografia é recordação, impressão da vida, momentos que se querem preservar, mas quais outros objetos têm essa mes-

ma função? Normalmente, os álbuns de família são compostos não somente por fotografias, como também se podem encontrar outros objetos, igualmente visuais, guardados ali e que nem sempre são categorizados como fotografias. Em outras palavras, afirma-se que o álbum é claramente um livro aberto, não só porque está aberto para receber o que vier do futuro, mas também porque nele se inserem diferentes objetos que servem como suporte de memória familiar. Entram de mansinho no interior do álbum, mesclam-se às fotografias compondo uma história familiar. Armando Silva (2008, p. 64) refere-se a esses outros objetos como "materia do álbum".

O mesmo autor, ao abordar estes outros objetos, usa o casamento para exemplificar um fato ocorrido na cidade de Bogotá, um dos locais de sua pesquisa sobre *Álbuns de família*:

Vimos objetos muito particulares. Em um dos casos, encontrado em Bogotá, vemos um pedaço de bolo de casamento que a filha manda à mãe pelo correio, e que esta conserva no álbum, além do guardanapo, que em uma das bordas deixa ver a inscrição Made in USA (Silva, 2008, p. 70).

Falando de casamento, pedaços do vestido de noiva – uma pequena amostra do tecido, da renda – normalmente aparecerem como complemento às fotografias deste rito. Silva aborda a união das fotografias com estes outros objetos no álbum, afirmindo que, "Por esta razão, pode-se dizer que o álbum não é apenas foto, uma vez que é acompanhado de resíduos de natureza variada, prefigurando modos de expressão do desejo, fetiches, sublimações e maneiras pervertidas que insistem em ter na foto um pedaço do saudoso ser" (Silva, 2008, p. 70-71).

Estes outros elementos depositados no álbum vão desde impressões digitais de crianças a papel de presente, documentos dos hospitais em que nascem e diferentes escritos e mensagens. Cartões, postais, recortes de revistas, exames médicos, adesivos, documentos diversos, flores desidratadas, estampas de santos, bilhetinhos, lembretes, desenhos, resíduos de cartas, passagens de viagens (ônibus, trem, avião), anéis que com o passar dos anos deixam de servir, indumentária de algum evento especial, pedaços de tecidos das roupas dos mortos, enfim tudo que pudesse auxiliar para contar a história da família.

Estes objetos, ao mesmo tempo em que adentram no álbum, podem ser retirados ou trocados por algum motivo especial. Essa saída se dá por algum motivo especial, algumas vezes é temporária, outras definitivas definitiva, como é o caso daqueles que são queimados por trazerem desconforto a quem visita o álbum.

Ainda se podem observar, inseridos nos álbuns de família, fragmentos de corpos dos herdeiros que chegam, como, por exemplo, as mexas de cabelo que virariam resíduos e, então, são incorporados ao álbum como símbolo do novo integrante. Nesta categoria, também se encontram pedaços de unhas e até o umbigo do recém-nascido. Silva destaca que o álbum "guarda não só imagens, mas, como vimos, fragmentos de corpo, com a esperança de fazer viva uma cerimônia contra a morte do ente querido".

Nesse sentido, pode-se perceber que existe uma variedade de "caixas de memória", que, em alguns casos, são feitas ao longo dos anos, acumulando objetos de várias épocas e momentos da vida pessoal; outras são repassadas entre as gerações, demonstrativas da história e memória familiar. Um exemplo de criação, repasse e função das "caixas de memória" é o caso recente do britânico Andrew Hickie, de 42 anos, que, diagnosticado com câncer terminal, surpreendeu a família organizando seu próprio funeral e criando uma "caixa de memória" para os filhos. Segundo o jornal *O Dia*, a "caixa de memórias teria fotos e bilhetes para seus filhos. A ideia de Andrew é se fazer presente na vida das crianças mesmo após sua morte com recados para toda a vida de seus filhos" (*O Dia*, 2014).

O caso de Andrew é um dos exemplos reais de "caixas de memória" que, diante da luta contra a morte e da ideia de não participar da vida dos filhos, decide criar um lugar em que eles possam ter referências de seu pai e uma demonstração do amor paterno. A frase trazida pelo jornal, "fazer-se presente na vida das crianças mesmo após sua morte", demonstra a forte relação que as "caixas de memória" têm com a memória e o passado, presente e futuro. Todavia, vale destacar que existem vários tipos de "caixas de memórias", feitas com ou sem essa intenção, mas que possuem uma forte ligação memorial e identitária. Trazemos a seguir algumas cenas da ficção para ilustrar as relações entre objetos, fotografias, memória e identidade.

Caixas de memórias em "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain"

Iniciando a ilustração e exemplificação sobre a relação entre memória e os objetos através de cenas da ficção, trazemos a história do filme de Jean-Pierre Jeunet, "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain". O filme, que se popularizou pela poética e sensibilidade, conta sobre a vida de sua personagem principal, Amélie Poulain, que muda quando, por acaso, encontra escondido em sua casa, atrás de um azulejo do banheiro, uma caixinha com vários objetos e uma fotografia, que ela julga ser de um antigo morador de seu apartamento (Figura 1).

Analizando os objetos e fotografias guardados dentro da caixa, Amélie pensa que talvez aquela caixinha pudesse ser um tesouro de infância que o dono escondeu por algum motivo e para ele seria, então, uma preciosidade. A partir disso, pensando no valor sentimental daquela caixa, ela decide devolver o tesouro ao seu dono. Com o decorrer da história e pensando sobre o assunto da caixa, Amélie aproveita e pergunta para seu pai, posteriormente, enquanto ele arrumava o seu jardim: "Diga-me, papai, se encontrasse alguma coisa que tivesse sido preciosa na infância, como é que você ficaria? Feliz, triste, nostálgico?" Seu pai, sem entender do que se tratava e continuando a mexer no jardim, responde para filha que o gnomo em que estava mexendo não fazia parte da sua infância, mas Amélie continua: "Falava de coisas que se escondem como tendo imenso valor...". Mesmo sem ter uma resposta concreta do pai, Amélie segue seus instin-

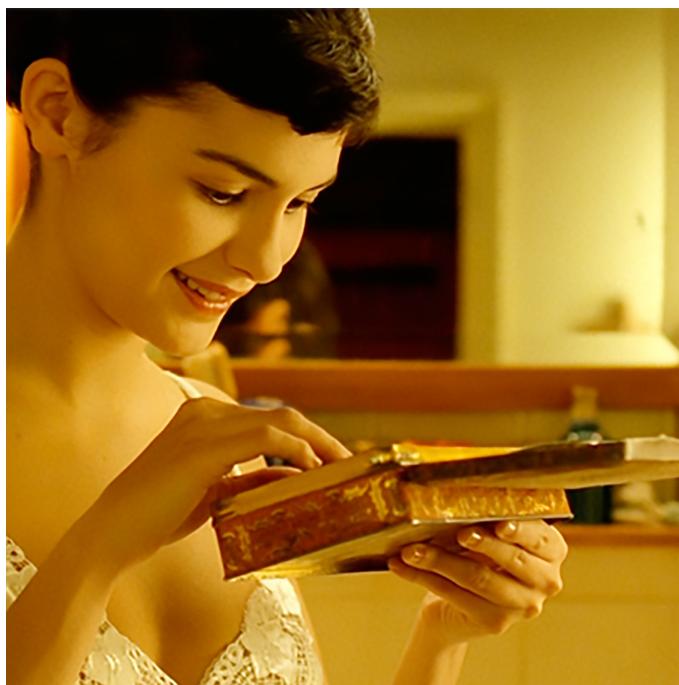


Figura 1. Cenas do filme "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain".

Figure 1. Scenes of the movie "Amélie".

Fonte: Gato de Cheshire Analisa (2013).

tos e sai em busca do dono deste "tesouro". Depois de alguns dias de investigação e de busca pelo misterioso adulto que, quando criança, havia escondido seus tesouros, ela o localiza.

No entanto, a personalidade tímida e com dificuldades de se socializar faz com que Poulain arquitete um plano para que o dono da caixa localize o tesouro sem se encontrar pessoalmente com ela, pois queria que ele também encontrasse a caixinha de forma misteriosa e mágica. Para isso, Amélie descobre um pouco da rotina de Dominique Bretodeau, o antigo morador, e faz com que ele entre na cabine telefônica perto da feira a que ele costuma ir e visualize a caixinha. Ao entrar na cabine, ele visualiza a caixa, abre-a e se depara com aqueles objetos; eis que o narrador do filme fala: "Num segundo tudo voltou à memória de Bretodeau: a vitória de Frédéric Bahamontes na volta da França de 59, as combinações da tia Josette e, sobretudo, aquele dia trágico em que ganhou as bolinhas de gude na hora do recreio".

Nesse momento, é possível perceber que, no instante em que Bretodeau olha para aqueles objetos, é tomado por uma grande emoção e uma quantidade imensa de sentimentos e lembranças. Em poucos segundos, olhando para os objetos, várias cenas de sua infância são relembradas, repassadas e quase revividas, como se há muito tempo estivessem esquecidas, sendo relembradas somente por causa da presença dos objetos. Esse caso está relacionado com a posição da autora Ecléa Bosi a respeito das coisas que povoam e cercam a vida de uma criança; para ela, "nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido



Figura 2. Dominique Bretodeau – "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" (2001).

Figure 2. Dominique Bretodeau – "Amélie" (2001).

Fonte: Mendonça (2013).

de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele" (Bosi, 1994, p. 442). A emoção e a reação de Bretodeau ao ver aquele tesouro podem ser percebidas na Figura 2.

Chocado com a situação que acabara de passar, Bretodeau sai da cabine telefônica e vai para um café pensar naquilo que tinha acontecido com ele, como se fosse um milagre, um anjo da guarda que tivesse devolvido o tesouro e as lembranças. E, então, sem saber que a moça que estava sentada ao seu lado era a responsável pelo tal milagre, conversa com ela e com o atendente do bar: "Tem piada a vida, em miúdos o tempo não passa, e depois de repente estamos com 50 anos, e toda a nossa infância fica numa caixinha enferrujada". A relação que a personagem faz entre o tempo que passa e o resumo de sua infância em uma caixinha enferrujada mostra a conexão que Monsieur Bretodeau faz com os objetos que acaba de reencontrar. Objetos que fizeram parte da sua vida e identidade, que foram guardados como preciosidades e que, naquele momento, foram evocadores de suas memórias, de reflexão sobre a sua vida: passado, presente e futuro.

O impacto do reencontro entre o tesouro e seu dono foi tão grande que, tanto na vida dele quanto na de Amélie, os dois decidem mudar a maneira com que estavam vivendo. Comovido com as lembranças do passado e com a passagem do tempo, além do envelhecimento, Bretodeau decide visitar a filha que há muito tempo não via e, também, conhecer seu neto. Já Amélie, depois de perceber o bem que havia feito na vida de Dominique,

decide que vai se "intrometer" na vida dos outros para ajudar de maneira discreta, anônima; e, a partir daí, começa a realizar pequenas missões que dão continuidade ao filme à história poética de Amélie Poulain.

Traz-se essa pequena passagem de um filme, a fim de compreender um pouco mais sobre as formas em que os objetos e fotografias interagem na vida dos indivíduos e como eles agem quando são reencontrados, depois de um tempo perdidos, esquecidos ou, até mesmo, quando não se pensa neles. A história literária e cinematográfica de Amélie Poulain e de Dominique Bretodeau é um pequeno exemplo de como a maioria das pessoas reagiria se encontrasse uma caixinha enferrujada da infância, carregada de lembranças e memórias.

Além disso, o filme traz uma representação de objetos que vamos guardando ao longo da vida, objetos que podem ser simples ou rebuscados, mas que carregam um grande significado, além de valores memoriais e identitários. Tais objetos se diferenciam daqueles que são utilizados somente de acordo com suas funções e que, depois de não terem mais utilidade, são descartados. Na visão do autor Krystof Pomian (1984), esse grupo de objetos é caracterizado como "semióforos".

Sendo assim, os objetos guardados por Dominique em uma caixinha representam não só um momento de sua vida, mas objetos e fotografias que são importantes, como um "tesouro". Estes têm uma forte representação e um caráter memorial e identitário muito grande; por isso, foram guardados em um local especial, assim como fazemos com aqueles objetos que são valiosos sentimentalmente e que nem sempre são caros. Às vezes, nós os guardamos em caixas, gavetas ou deixamos expostos em estantes ou vitrines para todos verem.

Sobre a localização desses objetos dentro das casas e de seus donos, Ferreira (2008) analisa os objetos e a relação entre memórias (individuais e coletivas) e a importância deles para a construção da identidade dos mesmos. No artigo intitulado "Objetos, lugares de memória", a autora analisa contextos importantes, dentre eles, a relação simbólica e o caráter de relíquia que muitos objetos recebem. A autora utiliza como exemplo um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que guardou alguns objetos como lembranças de seus combates; um deles era uma faca que diz ter ganhado de um oficial alemão, com quem conviveu em um dos campos de refugiados. As histórias sobre a faca são simbólicas e marcantes na vida do ex-soldado, mas a localização da faca dentro da casa também expõe o significado e a importância que ela tem para ele e para sua família, pois é guardada em um cofre, enrolada em um tecido de veludo (Ferreira, 2008, p. 27).

Analizando este e outros casos, a autora mostra a importância desses vestígios materiais para a memória:

No caso dos objetos como elementos de evocação, é importante também percebê-los como elementos de distinção, objetos biográficos fortemente carregados de um sentido, narradores, eles próprios da trajetória social de um sujeito (Ferreira, 2008, p. 25).

Com as reflexões expostas acima, pode-se entender que os objetos chamados "biográficos" são aqueles que fazem parte da vida de alguém, envelhecem com essa pessoa, fazem parte de sua identidade e contribuem para a construção e compartilhamento de suas memórias. Outra autora, Cléidna Lima (2001), também estuda a relação entre objetos e memória, focando nos objetos biográficos. A autora defende a ideia de que "a maior parte das lembranças só é guardada graças à casa e, muitas vezes, à custa de fragmentos, objetos, sons, odores, uma infinidade de detalhes que funcionam como verdadeiros 'arrimos de memória'" (Lima, 2001, p. 40).

Nesse sentido, Lima (2001) destaca outro fator relevante tratando-se de "caixas de memórias" e suportes memoriais: a casa. A casa tem um papel importante no ato de guardar memórias; é nela que ficam localizados os móveis, objetos, cômodos e outros elementos que marcam a memória de crianças e adultos. Bosi (1994) defende que

O espaço que ela [criança] vivencia, como o dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por influências mágicas. A mesa da família possui um lado onde é bom comer, o lado fasto onde senta-se mamãe e é agradável estar; no lado de lá, o retrato do tio-avô que me olha fixo, às vezes feroz, torna o lado nefasto onde eu recuso comida e choramingo. Tudo é tão penetrado de artefatos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver (Bosi, 1994, p. 436).

A casa se torna quase uma grande "caixa de memória", onde cada espaço é detentor de diferentes memórias. Conforme dito anteriormente, é na casa que ficam grande parte dos objetos do cotidiano, sejam eles móveis, roupas, talheres e tantos outros que cercam o indivíduo no dia a dia. Assim, os objetos e suas localizações na casa, na visão de Bosi (1994), são coisas que desejamos que estejam sempre presentes; para a autora,

Há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos quietude, a disposição tácita, mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal (Bosi, 1994, p. 441).

Assim, notamos que os objetos norteadores da vida são importantes para a construção da personalidade, da identidade e também da memória. Tanto os objetos quanto as fotografias, nos casos ficcionais que trazemos aqui e também na vida real, quando ligados à história da família e ao vínculo e memória familiar, são ainda mais importantes e marcantes. Em muitos casos, são "caixas de memória" que são repassadas entre as gerações e acabam gerando uma conexão entre elas, mesmo que as pessoas não tenham se conhecido pessoalmente. O caso ficcional analisado a seguir trata exatamente de uma "caixa de memória" familiar, contendo lembranças da relação entre pai e filho.

Caixas de memórias em “Bones”

O outro exemplo para ilustrar e demonstrar os tipos e significados das “caixas de memórias” é do episódio “*Male in the Mail*” do seriado americano televisivo “Bones”. A série é inspirada na vida de uma médica legista chamada Kathy Reichs e conta a rotina de trabalho do laboratório “Jeffersonian”, onde cientistas trabalham ajudando o FBI a solucionar crimes. As duas personagens principais da série são a Dra. Temperance Brennan (Emily Deschanel), antropóloga forense e chefe conhecida pelo apelido “Bones”, e Seeley Booth (David Boreanz), agente especial do FBI; apesar de possuírem personalidades diferentes, com o desenvolver da série acabam se apaixonando e casando.

No quarto episódio da sétima temporada, Booth recebe a notícia, através de seu avô, de que seu pai morreu. Booth teve uma infância marcada pela ausência do pai, além de grandes mágoas causadas pelos problemas do pai com o álcool, e por ter sido criado pelo seu avô. Por causa disso, o agente do FBI não demonstra receber a notícia com tanta tristeza e sentimento de perda. No entanto, com o intuito de amenizar os sentimentos negativos e de rancor de Booth com seu pai, sua esposa e seu avô, Pops, o incentivam para que aceite sentir a dor da perda e da saudade perdoando a seu pai.

Nesse sentido, antes de voltar para sua casa, Pops resolve visitar seu neto e ler uma carta deixada pelo seu pai antes de morrer e, junto com ela, entrega a Booth uma caixa de madeira. Ao receber a caixa, Seeley responde: “Eu não quero”, mas Pops insiste: “Abra ou não abra, disseram para eu dar a você... filho, escute... sei que deseja que certas coisas pudessem ter sido resolvidas. Chama isso de ‘encerramento’. Mas a vida é só um monte de pontas soltas. Então sorria”. Pops vai embora, e Booth fica com a caixa, sem abri-la.

No desenrolar do episódio e depois de ter um crime desvendado, Booth e Brennan jantam em casa, sozinhos, e Bones pergunta: “Sente falta do seu pai, Booth?”; ele, estranhando o assunto, responde: “Por quê? Não o vejo há vinte anos. Não”. Brennan continua: “Vai abrir a caixa?” Booth diz que não quer falar sobre o assunto e pede para ela parar. No entanto, ela insiste em fazer com que ele supere a situação, pega a caixa na mão e, com uma visão científica sobre a situação que o marido vive, diz:

Físicos quânticos dizem que o modo como vemos o tempo é uma ilusão, que não ocorre de maneira linear, que passado e presente, na verdade, não têm diferença... Você tem algumas boas memórias do seu pai. Você me disse. Teve a vez que o rio congelou e ele te acordou à meia noite para patinar. E a vez que você estava varrendo a barbearia e ele pôs Louis Prima para tocar e fingiu que o barbeador era o microfone. E o campeonato mundial... o dia perfeito de vocês. Esses bons momentos com o seu pai estão acontecendo agora. Eles sempre estarão acontecendo (Bones, 2012).

Nesse momento, Bones entrega a caixa para Booth e finaliza: “Você merece mantê-los vivos”. Sendo assim, analisando a cena e os diálogos entre os personagens, pode-se perceber que

não só o assunto sobre seu pai incomoda Booth, como as lembranças de sua infância são misturadas com alegria, saudade, tristeza e rancor. O fato de ele não gostar de conversar sobre o assunto pode ser visto como uma das consequências do trabalho da memória nos indivíduos, muito estudado pelos cientistas e que acabou ganhando destaque com o trabalho de Michael Pollak.

Pollak discute como o ato de não falar, de não dizer e de silenciar-se sobre algo pode, também, demonstrar o trabalho e a presença de memória. Não se trata do esquecimento de algo, mas de recusar-se a falar sobre isso. Tanto o dito quanto o não dito estão cobertos de sentimentos positivos e/ou negativos, que automaticamente estão relacionados com a memória e a identidade; algumas vezes, são histórias traumáticas ou histórias pelas quais o indivíduo se sente culpado ou envergonhado. Para Pollak (1989),

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Pollak, 1989, p. 3).

Nesse caso, a interpretação de uma cena de ficção mostra algo que é comum na nossa sociedade, onde, muitas vezes, evitamos falar de assuntos que nos machucam, trazem más memórias e sentimentos ruins. No caso de Booth, a caixa de madeira entra como um dispositivo dessas memórias, do não dito, e por isso a recusa dele em abri-la, em ver as coisas que estão dentro dela. Destaca-se, também, que a frase de sua esposa, “Você merece mantê-los vivos”, ilustra que a visualização daqueles objetos e fotografias, além do fato de reviver e relembrar os momentos que estão “cristalizados” ali, faz com que aquilo ainda continue vivo, ou seja, uma memória viva. Sendo assim, abrir a caixa significa deixar as memórias saírem, revivê-las e também perdoar. Mesmo indeciso, convencido por Bones, Booth abre a caixa.

Dentro da caixa, Booth vê alguns objetos e fotografias, recordações que seu pai guardou do filho mais velho. Emocionado, olha um por um. Encontra uma caixa com uma medalha em que está escrito “Coração Púrpura” e seus olhos se enchem de lágrimas. Encontra um cartão feito por ele de Feliz Dia dos Pais e, emocionado, diz: “Eu que fiz!”. Junto com os cartões e fotografias, dois ingressos do Campeonato Mundial de Basebol e uma fotografia deles no jogo. Nesse momento, a emoção toma conta do personagem, e ele imediatamente olha para a fileira de cadeiras que conseguiu quando o estádio do mesmo campeonato foi demolido, cadeiras que foram levadas para a casa como recordações do dia especial que viveu com seu pai.

Todos os objetos e fotografias, especialmente aqueles do dia do campeonato de basebol, geram fortes emoções e lembranças em Booth. Nesse momento, há uma recordação do dia



Figura 3. Lembranças de Booth – "Bones" (2012).

Figure 3. Memories of Booth – "Bones" (2012).

Fonte: Frame de imagem em vídeo (Hooks, 2012).

do jogo, e Seleey começa a chorar olhando para as cadeiras que estão na sua sala, como mostra a Figura 3. Há uma grande similaridade entre a cena demonstrada no seriado "Bones" e a descrita anteriormente do filme "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain", quando Dominique Bretodeau visualiza os objetos dentro da caixa. Em ambos os momentos há uma demonstração de fortes emoções e sentimentos, em que tanto Dominique quanto Seleey relembram as coisas ligadas ao passado, à infância e aos objetos do interior da caixa.

Conclusões finais

A partir dos relatos, teóricos e ficcionais, trazidos neste estudo, percebemos como as fotografias e os objetos podem adquirir valores sentimental, memorial e identitário. Os objetos e fotografias fazem conexões com pessoas, lugares, cheiros e momentos vividos. Trazem à tona lembranças do passado que se misturam com o presente e se projetam no futuro; por isso é recorrente o repasse destes dois suportes entre pessoas e, principalmente, entre gerações da família. Nesse sentido, as pessoas guardam coisas que possuem valores sentimental e simbólico, que representam alguma parte de suas vidas. O ato de guardar coisas normalmente é centralizado em um espaço, como gavetas, armários, álbuns ou caixas.

Chamamos estes espaços de "caixas de memória", que podem ser de tipos e formatos diferentes, mas guardam lembranças do passado e, de certa maneira, são "pedaços" das pessoas que as mantêm. Existem, também, diferentes casos de guarda e criação destas caixas; às vezes as pessoas as guardam de maneira natural, sem saber que são objetos mnemônicos, e outras o

fazem com o intuito de os repassarem para outras pessoas, para serem lembrados por familiares.

Estas caixas estão repletas de memórias e esquecimentos, de marcas de personalidade, e são ícones construtores e fortalecedores da identidade. Quando são passadas entre gerações ou entre pessoas, há um compartilhamento de memórias e esquecimentos, gerando através das coisas guardadas uma relação íntima e familiar. Os exemplos ficcionais trazidos neste texto, de "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" e "Bones", são dois casos que podem ser facilmente comparados à realidade, um de objetos e fotografias que guardamos por serem representantes da nossa infância, e outro por serem guardados por outras pessoas, na maioria das vezes nossos pais e avós, como lembranças e momentos vividos conosco.

Sendo assim, estas "caixas de memória" fazem parte de um universo de suportes de memória e, tendo em vista a relação destas com a identidade, acabam sendo fortalecedoras de personalidades, imagens e vínculos entre as pessoas e o passado, presente e futuro.

Referências

- BARTHES, R. 2012. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 114 p. (Ed. Especial).
- BOSI, E. 1994. *Lembranças dos velhos*. 3^a ed., São Paulo, Companhia das Letras, 484 p.
- CANDAU, J. 2011. *Memória e identidade*. São Paulo, Contexto, 219 p.
- DEBARY, O. 2010. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. *Revista Memória em Rede*, 2(3):27-45.
- DOHMANN, M. 2013. *A experiência material: a cultura do objeto*. Rio de Janeiro, Rio Books, 272 p.

- FERREIRA, M.L. 2008. Objetos, lugares de memória. In: F.F. MICHELON; F.S. TAVARES, *Fotografia e memória: ensaios*. Pelotas, Editora da UFPel, p. 17-41.
- FIGUEIREDO, L. 2007. *Imagens polifônicas: corpo e fotografia*. São Paulo, Annablume, 144 p.
- GATO DE CHESHIRE ANALISA. 2013. O Fabuloso Sentido da Vida de Amélie Poulain. Disponível em: <http://gatodecheshireanalisa.blogspot.com.br/2013/07/o-fabuloso-sentido-da-vida-de-amelie.html>. Acesso em: 17/04/2015.
- GONÇALVES, J.R. 2007. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, IPHAN, 252 p.
- HOOKS, K. (dir.). 2012. The Male in the Mail [episódio de série de televisão]. In: H. HANSON, *Bones*. EUA, 43 min. sonoro, colorido.
- JEUNET, J.-P. (dir.). 2001. *Fabuloso destino de Amélie Poulain*. (Le Fabuleux Destine d'Amélie Poulain). França, 120 min. sonoro, colorido.
- KELLERHALS, J.; FERREIRA, C.; PERRENOUD, D. 2002. Linguagens de parentesco: lógicas de construção identitária. *Análise Social*, 163:545-567. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100025>. Acesso em: 03/12/2013.
- LE GOFF, J. 2003. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 476 p.
- LEITE, M.M. 1993. *Retratos de Família, leitura da fotografia histórica*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- LIMA, C. 2011. Memória familiar nos objetos biográficos e nas obras literárias. *Revista História Et Ensino*, 7:33-45.
<http://dx.doi.org/10.5433/2238-3018.2001v7n0p33>
- MENDONÇA, F. 2013. A valsa de Amélie: confira as 7 melhores músicas. Blog Contracenário. Disponível em: <https://contracenario.wordpress.com/2013/07/29/a-valsa-de-amelie-confira-as-7-melhores-musicas/>. Acesso em: 17/04/2015.
- MENESES, U. 1998. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, 11(21):89-103.
- O DIA. 2014. Com câncer terminal, pai emociona ao deixar 'caixa de memórias' para os filhos. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/mundo/2014-04-24/com-cancer-terminal-pai-emociona-ao-deixar-caixa-de-memorias-para-os-filhos.html>. Acesso em: 23/05/2014.
- PERROT, M. 1989. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9(18):9-18.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- POMIAN, K. 1984. Coleção. In: *Encyclopédia Einaudi*. vol. 1: *Memória, História*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 51-86.
- RADLEY, A. 1994. Artefacts, memory and the sense of the past. In: D. MIDDLETON; D. EDWARDS (orgs.), *Collective remembering*. London, SAGE Publications, p. 46-59.
- SILVA, A. 2008. *Álbum de família*. São Paulo, SENAC, 320 p.
- SILVEIRA, F.L.; LIMA FILHO, M.F. 2005. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma das coisas" e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, 11(23):37-50.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100003>
- TANNO, J. 2007. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda de registros de si. *Patrimônio e Memória*, 3(1):101-111.

*Submetido: 27/06/2014**Aceito: 28/07/2014*